



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2021

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

Responda apenas a **duas** perguntas: um ensaio e uma pergunta direcionada.

SECÇÃO A ROMANCE / NOVEL

O último voo do flamingo, Mia Couto

PERGUNTA 1

- 1.1 Desde o princípio do romance que se constata dois planos: o dos explorados, o genuíno povo moçambicano, e o dos exploradores, o dos governantes corruptos que enriquecem à custa do povo, a que se juntam os estrangeiros que pretendem impor a Moçambique uma política fabricada no exterior do país. Deseja-se um pouco mais de informação.
- 1.2 Essas explosões representam a castração do poder e influência estrangeiros (neste caso o do ONU), o protesto contra a possibilidade de reprodução e duração da intervenção estrangeira, o que seria prejudicial em função do processo de emancipação da nação moçambicana e da formação da identidade nacional; uma identidade influenciada pelo exterior desrespeitaria as culturas locais, as suas tradições, as suas crenças. Os subsídios enviados pelo «domínio estrangeiro» proporcionava que o administrador Jonas voltasse a replantar as minas retiradas para que esses subsídios se repetissem para essa operação, que nunca mais acabaria, facto inteiramente rejeitado pelo povo que sabia da corrupção de Jonas. Assim, as explosões conotam o protesto contra a intervenção estrangeira nas decisões internas do país e as suas consequências futuras.
- 1.3 Tizangara tem zíngara como palavra mãe. Em alguns países da Europa dá-se o nome de zíngaros aos ciganos. Considera-se os ciganos uma nação sem pátria, sem terra. Os ciganos, apesar de se espalharem por muitos países, têm uma cultura e hábitos próprios, tradições muito antigas, e uma rainha que pode ser residente em qualquer país. No livro, Tizangara, o nome da vila em que decorre a ação, simboliza os moçambicanos que, após a independência e o fim da guerra de desestabilização, eram um povo dominado por políticas exteriores dado que a permanência dos barretes azuis seria prolongada. Essa influência exterior privava os moçambicanos de participarem da política da sua terra, continuavam a ser explorados, dominados, tanto por estrangeiros como pelas autoridades da sua terra. Era um povo sem pátria, dado que era ignorado, sem identidade nacional definida. Neste aspeto não se compara aos ciganos que, apesar de se espalharem por diversos países, têm uma identidade bem vincada. O nome da povoação em que se desenrola o enredo foi também cuidadosamente escolhido para coadunar com Massimo Risi, o representante italiano da ONU, que é enviado a Moçambique para investigar a origem e a causa das explosões. Em Itália, os ciganos são chamados zíngaros. Risi não esperava encontrar um povo sem terra que, no fim, acaba por desaparecer.

1.4 Massimo, em italiano, quer dizer grande, enorme, e Risi significa riso, gargalhada. Massimo Risi quer dizer uma grande gargalhada, algo digno do riso porque foi enviado a investigar o que se passa numa comunidade da qual não conhece os costumes, as crenças e as tradições. Comunidade em que as crenças sobrenaturais são muito vincadas, em que a realidade é encarada como mágica. Seria impossível ele conseguir realizar a sua missão, que está de antemão votada à impossibilidade.

1.5 1.5.1 Massimo Risi é enviado à região para investigar as explosões. Do sucesso da investigação dependia a sua ambicionada promoção. É um homem de cultura europeia, o que quer dizer que valoriza a racionalidade, aquilo que se pode explicar por razões claras e óbvias, ao contrário da mentalidade local, que crê em forças ocultas, como a da própria terra, considerada como uma entidade viva.

Assim que chega à vila de Tizangara, Risi sente que não está num lugar comum, ficando confuso com todos os acontecimentos. "Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que não entendo é esse mundo aqui" (Couto, 2005, p.40). Risi fala o português, mas não conseguia entender a mentalidade e as crenças locais. Estranha os valores locais, algumas coisas não parecem estar ou compreender-se na ordem natural das coisas. Risi começa por interpretar os acontecimentos com base na racionalidade da sua cultura, mas não encontrava justificação possível para as explosões, nem para as considerações e interpretações do povo.

De um lado temos um homem educado na mentalidade europeia, imbuído da superioridade ocidental, que vai para Moçambique para, objetivamente, resolver a questão das explosões; do outro, uma comunidade cuja interrelação telúrica com a terra o europeu não podia compreender. De um lado, temos a cultura e mentalidade ocidentais, do outro a cultura africana e um espaço mágico.

1.5.2 1Massimo Risi mergulha numa situação que o leva às próprias raízes da cultura moçambicana, onde o irreal é, pelo povo, considerado natural, fazendo parte da sua vida diária, bem visível no exemplo que se segue: "— O seu amigo branco que tenha muito cuidado com essa velha [Temporina]. [...] — Ela é uma dessas que anda, mas não leva a sombra com ela (pág.41)". Obviamente, há um estranhamento por parte do europeu.

Risi passa por um processo de aprendizagem, em parte devido ao seu relacionamento com o narrador do livro, o tradutor, e Temporina, a mulher africana por quem se apaixona, que o levam a compreender o que é a identidade nacional, notando a diferença entre os dois mundos: o seu, e o do local, onde os soldados das Nações Unidas explodiram, mundo que se pode considerar uma metáfora de Moçambique. O narrador é um homem híbrido por 'ter um pé' nas duas culturas, a ocidental (a das cidades), e a tradicional (a africana, a do campo). Risi vai-se integrando, pouco a pouco, no ambiente, levando-o essa integração ao conhecimento e compreensão do que se passa na vila no âmbito cultural, social e económico. Vai-se

afundando na cultura local, na maneira de viver, no mistério das explosões que só a cultura local pode decifrar. Habitua-se a um modo novo de ver as coisas, abandonando os seus valores eurocêtricos, os quais pouco valem naquele universo mágico.

Risi modifica-se ao longo da ação, adquire plena compreensão da cultura e da necessidade de Moçambique se libertar da influência exterior e aprender a resolver sozinho todas as questões que se interpuserem no seu futuro. A africanização, isto é, a aceitação da cultura africana faz-se notar quando Risi, no fim da trama, se desfaz da folha em que redigira o relatório, na certeza de que os indivíduos das Nações Unidas não compreenderiam a atitude a tomar com respeito a uma nação que, até à data, sempre dependera do exterior para resolver os seus problemas. A sua serena resposta *Esperar por outro voo do flamingo. Há-de vir um outro*, mostra um indivíduo que compreende a cultura local e aceita a crença de que um amanhã cheio de esperança (o regresso do flamingo e a concretização dos ideais da luta de libertação).

OU

PERGUNTA 2

Os candidatos terão de notar que, por um lado, a africanização de Risi, que se desfaz da folha em que redigira o relatório. A sua serena resposta *Esperar por outro voo do flamingo. Há-de vir um outro*, mostra um indivíduo que compreende a cultura local e aceita a crença de que um amanhã cheio de esperança surgirá (o regresso do flamingo e a concretização dos ideais da luta de libertação). Risi atira o avião que fizera com a folha de papel do relatório, que desce lentamente pelo abismo criado no lugar em que Moçambique existira. Risi afirma, com esperança e certeza, que há-de vir um outro flamingo, o mensageiro da esperança. No entanto, o abismo, cujo fundo não se avista e pelo qual desce o avião de papel, também é um sinal de desesperança sinalizado pela sua profundidade, e pelos receios do tradutor, um moçambicano. Espera-se que os candidatos notem o significado do último parágrafo do livro, e o pensamento do narrador, que se pergunta se 'a viagem em que o seu país tinha embarcado não teria sido o último voo do flamingo'.

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO / DRAMA

Deus lhe pague, Joracy Camargo

PERGUNTA 3

Recorde a peça de teatro que estudou durante o ano e responda às perguntas.

- 3.1 Notam-se duas partes. Na primeira, o Mendigo anda 'com desembaraço', quer dizer, anda com agilidade, com facilidade, não demonstra ter dificuldades de movimento.

Porém, ao avistar um rapaz, alguém que lhe poderia dar uma esmola, o Mendigo muda imediatamente de atitude; é uma mudança tão repentina que mostra que estava habituado a fazê-la (*com muita prática*) de um segundo para o outro; finge cansaço, ser afetado pela dificuldade da vida de um mendigo, o rosto revela que sofre, e para demonstrar que anda com dificuldade, ampara-se a uma bengala, senta-se com dificuldade.

Esta mudança repentina ao avistar alguém que lhe podia dar esmola revela que é um hábil ator que, de um momento para o outro, aparenta ter o aspeto físico e emotivo fracos próprios de um pobre.

- 3.2 O Mendigo dedica-se à mendicidade, não por necessidade, mas como maneira de se vingar da sociedade, que despreza apesar de ter enriquecido como mendigo. O chefe roubara-lhe os planos de uma invenção; quando Juca (o nome do Mendigo) os tenta reaver, é acusado de ladrão, é preso e condenado. É esta injustiça que o transforma num pedinte a fim de cobrar da sociedade o que esta lhe devia. Sem despesas de transporte ou de indumentárias, enriquece. Por isso rejeita as beatas que o Outro lhe oferece, porque pode comprar cigarros.
- 3.3 O Mendigo é um homem rico. A mendicidade torna-se uma profissão para ele, depois de ter cumprido a injusta pena a que fora condenado. A mendigar, enriquece. O Mendigo tem duas vidas; a social e a oculta. O homem apoiado a uma bengala, de roupas remendadas e velhas, de chapéu sem forma, é a face social do Mendigo. O homem que vive com uma mulher a quem dá tudo o que ela precisa, e que tem o poder de comprar Havanas, é a face oculta do Mendigo. O Outro, quando se aproxima, vê um homem, um pobre como ele e parte do princípio que o Mendigo passa tantas dificuldades como ele. Por isso se admira de o Mendigo lhe poder oferecer um charuto Havana, conhecido pela sua qualidade e custo. É depois que o Mendigo lhe conta a sua vida e lhe confessa ser rico.

- 3.4 O Mendigo é um homem desiludido com a sociedade na qual apenas vê interesse próprio e desprezo pelos desfavorecidos. Não vê na esmola algo genuíno, a doação do fundo do coração, vê apenas a crença dos pecadores que na esmola esperam o perdão de Deus e querem garantir a sorte, o bem estar. Para ele, as moedas que recebe representam a ilusão de quem dá a esmola, pois pensam que com as moedas –os trocos que tem no bolso – conquistam a sorte e a felicidade porque, de acordo com o provérbio, dar aos pobres é dar a Deus, e a devolução da doação seria a recompensa: a sorte, o dinheiro e a felicidade.
- 3.5 Resposta livre.

OU

PERGUNTA 4

A resposta a esta questão encontra-se em algumas respostas das perguntas anteriores. Os candidatos terão de desenvolver as suas respostas a partir das afirmações do Mendigo sobre a esmola e apresentar as suas próprias opiniões.

SECÇÃO C CONTO / SHORT STORY

«Nevoeiro na Cidade» de Mário Dionísio

PERGUNTA 5

- 5.1 Tempo – durante a ditadura de Salazar. Esta é a componente mais importante dada a dinâmica prevalecente: opressão do povo, vigilância da Pide, prisão de todos os que se opusessem ou dessem sinais de se opor ao sistema em vigor. Perseguições e prisões arbitrárias. Falta de transparência e medo generalizado. Estes são os pontos que devem ser desenvolvidos.
- 5.2 A personagem representa o povo na generalidade, vítima da opressão e das manobras do sistema cujo suporte era a polícia secreta, o povo desejoso de liberdade. Representa também todos os militantes que, em segredo, se reuniam para falar da situação e planejar supostas tentativas para derrubar o regime que oprimia. A ausência de nome classifica-a como uma personagem tipo, representativa das classes indicadas.
- 5.3 5.3.1 No título do conto, a palavra pode ter dois significados. Por um lado aponta para a época do ano em que decorre a ação, inverno, altura em que a cidade está frequentemente envolta em neblina, e neste caso é usada com sentido denotativo. Por outro lado, aponta também para a falta de transparência do governo, para a opressão, apontando para um significado conotativo.
- 5.3.2 Sentido conotativo. Atravessar o nevoeiro é atravessar a repressão, viver sem medo, livres da opressão, poderem-se encontrar livremente.
- 5.3.3 Sentido denotativo. Refere-se ao nevoeiro real que descia sobre a cidade no inverno, ao fim da tarde.
- 5.3.4 Sentido conotativo. Nevoeiro significa opressão, repressão, falta de liberdade que tolhia os movimentos do povo. Refere-se também à insegurança em que se vivia, a falta de transparência do governo.
- 5.3.5 Sentido denotativo. A neblina envolvia a cidade, mas o tempo passava inexoravelmente, em sentido cronológico.
- 5.4 O homem pensava que eram os agentes da Pide que o iam buscar. Sempre que ouvia ruídos que não podia identificar logo, planeava a fuga, reação ditada pelo medo, pelo receio de ser preso, pela insegurança e pela esperança de poder escapar.

- 5.5 A imagem de cada indivíduo ser considerado um parafuso salienta o que o regime queria que o povo fosse: o povo seria como uma grande máquina, um simples mecanismo, e cada pessoa um mecanismo, um parafuso, contribuindo para o andamento que o regime desejava, mecanicamente, sem pensar. Povo → simples mecanismo, simples máquina → funcionando como um motor apertado com parafusos; cada pessoa → um parafuso do mecanismo. A imagem desumaniza cada indivíduo que compõe o povo.

OU

PERGUNTA 6

Os candidatos terãõ de descrever a atuação do regime, o medo, a opressão.

SECÇÃO D POESIA / POETRY

PERGUNTA 7

A notar: Contraste entre infância e vida adulta, desilusão do eu poético. Versos livres, prosa versificada.

OU

PERGUNTA 8

- 8.1 O título é formado por dois elementos: cântico e negro. A palavra primitiva do primeiro elemento é Canto, pode significar hino, um canto de louvor ou homenagem, neste caso à liberdade de escolha. O canto também se relaciona com fala. Os cantos ou cânticos são composições musicais oralizadas, e neste caso pode considerar-se uma fala, uma declaração do eu poético, o eu fala da maneira como deseja viver. Negro é algo escuro, sombrio, mas também pode ter o significado de condenado, maldito, vocábulos que talvez se apliquem mais ao poema: o eu poético, devido à sua escolha, é condenado a enfrentar todas as dificuldades e será amaldiçoado pela sociedade. O eu poético exalta os seus valores, mas ao mesmo tempo reconhece que a sua vida, distanciada da norma, será difícil, mas é isso que o eu deseja enfrentar, sem ligações que o distanciem dos seus valores de individualidade e o afastem da sua identidade.
- 8.2 dizem-me alguns com os olhos doces
- 8.3 Estendendo-me os braços, e seguros
- 8.4 Desejam que o eu poético siga os valores vigentes, as normas estabelecidas a que deve obedecer. Norma feita de fórmulas acabadas e aceites pelo coletivo – o povo - que não esperam que sejam contestadas.
- 8.5 revolta, negação, etc e independência, carácter, personalidade, etc.
- 8.6 Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar florestas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada; Para eu derrubar os meus obstáculos?...; Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
- 8.7 A principal intenção é revelar o seu projeto de vida, anunciando também que não recebe a insubordinação por se afastar do que lhe é socialmente imposto. E com essa intenção, revela o seu direito à individualidade.
- 8.8 O sujeito poético sabe que terá dificuldades na vida por se afastar do que está pré-determinado, mas é para enfrentar os obstáculos, o desconhecido, «as florestas virgens», a «areia inexplorada» e marcar a sua presença no mundo que nós nascemos.

- 8.9 O tipo de estrofes e versos acompanham o estado emotivo do eu poético quando compôs este poema, e ao mesmo tempo são uma afirmação de liberdade e identidade.

8.10	EU	VÓS
1.	cruzo os braços, / nunca vou por ali...	1. Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
2.	Não, não vou por aí!	2. E vós amais o que é fácil!
3.	Só vou por onde / Me levam meus próprios passos...	3. tendes regras, e tratados
4.	amo o Longe e a Miragem	
5.	escorregar nos becos lamacentos	

Total: 70 marks